



ESTÉTICAS DAS RESISTÊNCIAS E O DOCUMENTÁRIO (DOCUMENTO 03): A MULHER DA CASA DO ARCO-ÍRIS

Gilberto Alexandre Sobrinho
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
gilsobri@unicamp.br

RESUMO

Na “Trilogia Afro-Campineira” constam três realizações em documentário, em que dirigi, roteirizei e produzi os filmes. São três curtas-metragens focados em protagonistas de processos culturais, religiosos e artísticos, todos defensores de manifestações de matrizes africanas e seus potentes hibridismos, alocados na região metropolitana de Campinas-SP (RMC). Os filmes são *Diário de Exus* (2015), *A Dança da Amizade*, *Histórias de Urucungos*, *Puítas e Quijengues* (2016) e *A Mulher da Casa do Arco-Íris* (2017/2018). Desenvolvem-se, nos filmes, o que nomeio como as “estéticas das resistências”, priorizando narrativas afro-diaspóricas, num processo de criação em que confluem estética e política. Esteticamente, o documentário faz convergir os processos de observação, participação (entrevista), *performance* e “poesia”, num conjunto de imagens e sons centrados em pessoas e espaços que se organizam comunitariamente em torno de códigos afrocentrados. Politicamente, realçam-se o papel da cultura e da religião na afirmação e construção identitária do povo negro, no Brasil, o que adensa a compreensão do papel da cultura na resistência de um povo. Esse texto documenta o processo de realização do terceiro curta-metragem da trilogia, trata-se de *A Mulher da Casa do Arco-íris*.

Palavras-chave: Documentário. A Mulher da Casa do Arco-íris. Trilogia Afro-campineira.



*Still de A Mulher da Casa do Arco-íris. Saída da Casa do Arco-íris, em Hortolândia - SP.
(Imagem de Coraci Ruiz)*



“Eu era conserva, na época chamada laranjinha. Aí eu me iniciei... Eu tinha um uniforme, mas tinha que pôr branco por baixo. Eu punha meus mijelogs... os meus fios de contas e o ojá na cabeça, porque eu estava careca e punha meu chapeuzinho por cima, e ia trabalhar. Eu tomei seis meses de obrigação, três meses de “migui de muzala”... porque eu sou de Angorô, então minha mãe me deu seis meses de obrigação. E aí eu tinha que trabalhar... Eu tinha muita amizade com um engraxate ali. Um dia eu ali varrendo, tomei um tamanho tapa no bumbum, que eu caí em cima do engraxate. Esse homem disse assim: Sua feiticeira, isso, aquilo e me xingou de outros nomes. Eu caí e ele correu (...). Aí eu comecei a chorar, fiquei tão nervosa e olhei assim na igreja, e aí eu falei: Olha, minha santa Nossa Senhora da Conceição, a senhora me viu em perigo... Se a Senhora é de verdade... Se a Senhora representa a Iemanjá de nossa religião... naquela época não conhecia Caiá... Eu vou entrar aí (referia-se a lavar o adro da igreja). Essa é a única coisa que eu falo pra Senhora. Porque esse mistério desse preconceito tem que acabar. Campinas foi a última que aderiu à abolição, entre aspas. E continuei varrendo. Tinha que trabalhar.”

(Mameto Dangoroméia ou Mãe Dango)



SELECTION 2017
LEEDS International Film Festival
LIFF31

SELEÇÃO OFICIAL
CINE TAMBOI
FESTIVAL

CURTA KINOFORUM
FAVORITOS DO PÚBLICO
2018

11.
**ESPEJOS Y
ESPEJISMOS**
Muestra de Cine
Africano de Argentina

SELEÇÃO OFICIAL
Encontro de
Cinema Negro
Zóximo Bulbul
2018

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
e Secretaria de Cultura
apresentam

A MULHER DA CASA do arco-íris

Direção de Gilberto Alexandre Sobrinho
uma produção
LABORATÓRIO CISCO e
Gilberto Alexandre Sobrinho

Com Nengua dia Nkisi Edangoromeia - Mãe Dango
Direção e Roteiro: Gilberto Alexandre Sobrinho
Codireção e Pesquisa: Gracia Navarro
Assistência de Direção: Alessandro Oliveira
Produção Executiva: Julio Matos e Marcelo Félix
Direção de Produção e
Coordenação de Finalização: Julio Matos
Fotografia: Coraci Ruiz e Felipe Bonfim
Produção de Campo: Letizia Nicoli
e Alexandre Machado
Montagem: Coraci Ruiz
Som Direto: Olivia Fiusa e Julio Matos
Assistência de Montagem: Lucas Reitano
Trilha Sonora e edição de som: Victor Negri
Mixagem: Alexandre Jardim (CTAV) e Olivia Fiusa
Correção de Cor: Isabela Moura
Arte: Cláudia Kfourl
Design Gráfico: Arthur Amaral
Estagiários de Produção: Bruna Schroeder
e Ana Luíza Fretta
Estagiário de Edição: Lucas Lazarini

Produção: Laboratório Cisco

Apoio: CTAV

Realização: GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria de Cultura



1. O PROCESSO DE CRIAÇÃO (APRESENTAÇÃO DO PROJETO), PRODUÇÃO (INCLUI O ROTEIRO DE MONTAGEM) E DIFUSÃO DE *A MULHER DA CASA DO ARCO-ÍRIS* (2016-2018)

Objeto

“Eu já sou mulher, negra e do candomblé... Que moral se dá para isso? A sociedade não dá moral mesmo...” [...]. Essas foram as palavras ditas por Eunice de Souza, ao contestar os argumentos do bispo da cidade de Campinas, na ocasião de negociação da realização da primeira lavagem das escadarias da Catedral Metropolitana da Cidade, em meados dos anos 1980. No trecho citado, Eunice de Souza, uma mulher negra que trabalhava como “conserva”¹ revela plena consciência dos marcadores sociais que a inferioriza². Junto ao argumento também reverbera sua consciência a respeito da intolerância com “os praticantes de religiões de matriz africana, como Candomblé e Umbanda [...]. [Uma intolerância que se exterioriza em] “violência física, violência verbal, violência psicológica e destruição dos terreiros etc.”. Apesar disso, o candomblé no Brasil, ao longo de sua história, se revelou como terreno fértil para que mulheres possam exercer um matriarcado de grande relevância, abraçando seus filhos e parentes como mães-de-santo, proporcionando, assim, resistência, fé religiosa, visibilidade e reconhecimento ao legado afro-brasileiro.

Assim, partiu-se para a execução de um projeto para a realização de um documentário sobre aquela Eunice Souza, que passou ser nomeada e reconhecida como Mãe Dango, a memeto Dangoromeia na língua banto, sacerdotisa que rege o “Nzo Musambu Hongolo Menha” – templo

¹ Conserva é também o nome dado a varredores ou limpadores de rua. A expressão dessa forma foi encontrada num depoimento de Mãe Dango na Dissertação de Mestrado *Candomblé agora é Angola*, de Ivete Miranda Previtalli, Mestrado em Ciências Sociais, PUC-SP, 2006.

² Conforme dados do IPEA. “No caso das desigualdades de gênero, as mulheres encontram-se mais concentradas, proporcionalmente, em trabalhos informais e precários do que os homens. Das mulheres ocupadas com 16 anos ou mais, 17% são empregadas domésticas, e, dentre estas, a grande maioria são mulheres negras que, em geral, não desfrutam de qualquer direito trabalhista, pois não trabalham com carteira assinada e não recolhem FGTS. São também as mulheres pretas ou pardas as mais penalizadas, destacando-se a elevada concentração destas no emprego doméstico (22,4%) e trabalhadores sem remuneração (10,2%)”.

<http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/images/stories/pdf/primeiraedicao.pdf>.



religioso conhecido também como a “Casa do Arco-íris -”, em deferência ao Nkici Hongolo³, santo de Mãe Dango, divindade banta que corresponderia a Oxumaré na cosmogonia nagô. Há mais de três décadas, ela é defensora e referência do chamado candomblé Angola, em Hortolândia, na Região Metropolitana de Campinas. Essa prática religiosa de matriz banto, originalmente os primeiros africanos a chegarem no Brasil, se distingue do candomblé Keto, de origem Yorubá, hoje dominante no Brasil entre os praticantes candomblecistas. Mesmo nesse cenário, a prática do candomblé Angola se disseminou em Campinas e região e ocupa lugar de destaque no horizonte religioso e de resistência da cultura africana. Mãe Dango é, assim, uma das vozes mais importantes dessa vertente e também uma reconhecida liderança comunitária, política e sua figura, nos eventos que organiza e participa, agrega outras manifestações locais da cultura afro-brasileira.

Buscou-se, assim, construir uma narrativa audiovisual que, primeiramente, pudesse oferecer visibilidade sobre esse tipo específico de candomblé, sobrevivente da diáspora, inscrito na região de Campinas, que possui força religiosa, estética, cultural e política e é ainda pouco (re)conhecido. Para isso, a recuperação dessa memória e, principalmente, o encontro entre a câmera e Mãe Dango foi fundamental para o estabelecimento de uma partilha, via imagem, de conhecimentos e formas de resistência da população negra de Campinas e seu entorno. Conseqüentemente, imaginou-se a constituição de um ponto de vista que relacionasse essa cidade, tradicionalmente vinculada à imigração europeia, aos negros que inscreveram e continuam a realizar práticas culturais fundamentais para sua formação cultural.

Nos vários ciclos econômicos de Campinas (cana-de-açúcar, café, industrialização etc.), a mão de obra migrante determinou a formação da classe trabalhadora. Nesse conjunto, primeiramente os escravos de origem africana e seguidas levas de deslocamentos internos e de estrangeiros foram necessários para construir as riquezas da cidade. O interesse desse documentário residiu em destacar aspectos particulares da cultura afro-brasileira desenvolvidos nesse entorno urbano. Essa presença edificou um traçado cultural com manifestações culturais originais e diversificadas como o samba de bumbo, vertente do samba rural paulista, o jongo, a capoeira, as folias de reis etc. Em diálogo com a cultura popular, religiões de matriz africana

³ Nkices ou inquices são divindades africanas, trazidas e cultuadas pelos bantos que aqui chegaram já no século XVI do período colonial. Outras divindades trazidas por africanos e cultuadas em terreiros são os orixás e os voduns.



também se desenvolveram nas periferias da cidade. O percurso de Mãe Dango elucidada, e muito, sobre essa faceta da metrópole.

Portanto, almejou-se a realização de um documentário que teve como centro a história de vida de Mãe Dango, destacando-se suas atividades como influente Mãe de Santo. Tratando-se de uma mulher, negra, de origem humilde e que construiu uma família religiosa numerosa e respeitada e fez de sua “casa” lugar de acolhimento espiritual e uma série de atividades de cunho social, o documentário olhou sua figura assumindo-a como uma feminista, portanto, sua influência vai além da religião e se insere em outros setores tais como a luta pelos direitos das mulheres, o apoio às comunidades carentes em várias frentes, principalmente na distribuição de alimentos, a defesa pela melhoria do bairro, a educação de adultos etc. Ao lado de Mãe Corajacy⁴, também Mãe de Santo ligada ao candomblé Angola, Mãe Dango realiza anualmente, desde 1985, no Sábado de Aleluia, a Lavagem da Escadaria da Catedral de Campinas. Evento inserido no calendário oficial da cidade, desde 1998, e exemplo de conjugação de celebração religiosa, manifestação cultural e resistência política pela luta contra a intolerância religiosa e o racismo, onde milhares de pessoas se aglomeram para acompanhar a celebração da cultura banto no centro de Campinas. É, portanto, nos circuitos dos afetos de sua casa e na expansão pública de suas demandas que acontecem anualmente na Lavagem que o filme se norteou. Mãe Dango possui, assim, uma história pessoal e pública de muita potencialidade para que reverbera junto aos afro-brasileiros na elevação de sua autoestima e que essa narrativa possa também oferecer um ponto de vista multicultural sobre a cidade: olhá-la a partir de uma mulher negra e sábia, portadora e difusora do conhecimento do legado banto e que se tornou símbolo da luta contra o racismo, a intolerância religiosa e o fim da pobreza.

ESTRATÉGIA DE ABORDAGEM

Primeira estratégia

⁴ O nome de batismo de Mãe Corajacy é Antonia Lima Duarte, que nasceu na cidade de Boa Nova, na Bahia, em 15 de maio de 1943. Chegou a Campinas em 1968, se casou e teve três filhos (Íris, Ivone e Ivan). Figura em diversos segmentos na cidade: participou da Corrida Integração, em 2002; é integrante do Programa do Micro Empreendedor da Prefeitura; foi membro do Grupo de Trabalho de Combate à Intolerância Religiosa da Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) e é sacerdotisa da Comunidade Tradicional de Matriz Africana”. In: <http://www.geledes.org.br/mae-corajacy-e-1-mulher-de-religiao-de-origem-africana-a-receber-titulo-de-cidada-campineira/>. Acessado em 12 de agosto de 2016.



Tendo como foco central a trajetória dessa Mãe de Santo, o documentário se norteou, particularmente, por sua presença, e das pessoas que estão ligadas a ela, na imagem. Como será detalhado na estrutura do filme, buscamos fugir do esquema “cabeça falante” e da visão de especialistas acadêmicos sobre o assunto, assim, a voz do(s) sujeito(s), juntamente com a câmera, foram os narradores do filme.

As entrevistas com Mãe Dango se deram de três formas: a) com ela realizando atividades tais como a preparação da feijoada e nas atividades de costura, com a utilização de apenas uma câmera (câmera na mão para a feijoada e fixa para a costura) e equipamento de som (boom), além da direção; b) com ela em movimento, apresentando sua casa, detalhando as várias funções dos espaços, a simbologia dos objetos, com a utilização e apenas uma câmera (câmera na mão, inquieta, observadora, planos abertos e fechados – não necessariamente sincrônicos à fala), equipamento de som (boom) e a direção – essa opção pela minimização da equipe almeja criar maior proximidade com a entrevistada; c) entrevista com Mãe Dango acomodada em seu trono de sacerdotisa, com a câmera fixa e uso de lapela.

Paralelo a esse investimento em falas desses sujeitos, existiu o trabalho de observação das pessoas e dos espaços, nos eventos festivos e religiosos e na elaboração de imagens de cobertura. Assim, os enquadramentos frontais com entrevistas diretamente para a câmera, planos gerais, de conjunto e de detalhe que inspecionem os espaços internos e externos do terreiro, bem como tomadas do bairro e das cidades de Hortolândia e de Campinas foram feitos e, muitos deles, utilizados estrategicamente na construção do relato. Assim como a câmera na mão, em movimento, detalhando objetos, indumentária, gestos e outras minúcias que puderam tensionar a imagem foram também mobilizados.

Em síntese, a primeira estratégia consistiu em deixar a câmera e o gravador se levarem pelas coreografias dos corpos no espaço e pela polifonia singular de cada situação e também criar registros mais objetivos com entrevistas voltadas para a câmera. Assim, corpos, gestos, falas, ruídos e uma diversidade de materiais expressivos estavam na nossa mira, justamente para criar espessura na imagem em sintonia com a construção de paisagens visuais e sonoras.

Com essa estratégia, almejou-se criar um campo afetivo nas imagens e sons. Nesse sentido, o primeiro campo afetivo que enformou as imagens foi aquele que se desdobrou do encontro entre



a equipe e a comunidade de Mãe Dango. Objetivamos, com isso, construir uma relação e isso, num segundo momento, pode reverberar na captura dos afetos que emanam das relações comunitárias na casa.

Selecionamos, assim, alguns momentos-chave, que puderam deflagrar tais intensidades, por se configurarem em situações em que a casa está cheia de seus filhos. São momentos de festa e de celebrações religiosas. O cotidiano, as rotinas da casa e os silêncios e vazios também foram considerados. Isso permitiu observar e capturar variações afetivas e fazer com que a imagem oferecesse um campo mais prismático das relações estabelecidas em torno de Mãe Dango.

Segunda estratégia

Dos eventos diretamente ligados à Casa do Arco Íris, avançou-se para uma série de filmagens de sons e imagens da Lavagem das Escadarias da Catedral Metropolitana de Campinas. Aqui foram filmados, com uma câmera na mão (durante o cortejo e a lavagem) e tripé (roda que forma o círculo sagrado) e gravação de ambiência sonora, outros ritos, danças e confraternizações, bem como, alguns aspectos do seu campo de influência. A Lavagem da Catedral é um evento anual que reúne milhares de pessoas, pressupõe-se um conhecimento prévio de suas dinâmicas, algo que a equipe vem desenvolvendo como pesquisa há alguns anos.

Terceira estratégia

A terceira estratégia foi composta pela coleta de imagens e sons de arquivos pessoais de Mãe Dango. Contatos prévios com jornalistas foram feitos e iniciamos uma pesquisa para reunir gravações de voz de Mãe Dango em distintos momentos, isso poderia oferecer variações de ponto de vista e um registro histórico de sua presença na cidade, além do material ter um funcionamento no trabalho com texturas de voz e criação de efeitos de sentido. Fotografias de álbuns de Mãe Dango foram disponibilizados para a equipe, objetivando-se que fossem trabalhados na edição final.

Assim, os arquivos de imagem (sobretudo fotografias) e som, teriam função dupla: fortalecer a importância histórica de Mãe Dango na formação cultural da cidade de Campinas e na região, atestando-se sua ativa militância e resistência que avança décadas e colaborar na criação das relações afetivas com a expressão visual e sonora, onde o registro do tempo histórico seria



também uma porta aberta para o estabelecimento de uma vivência com a imagem. Os arquivos seriam utilizados com dupla finalidade: a) efeitos ilustrativos para falas e, principalmente, b) para a criação dos efeitos visuais, uma vez que há interesse em desenvolver uma narrativa mais poética. Apesar dessa pesquisa e de sua potencialidade, não se utilizou-se de tais recursos no resultado final do filme.

ESTRUTURA

As estratégias de abordagem estavam em consonância com a afirmação de uma estrutura assentada no conceito de mosaico. Assim, foi pela junção de peças aparentemente soltas e dispersas que se deu a construção do perfil de Mãe Dango.

Em sua biografia, Mãe Dango pertenceu ao cristianismo, frequentou a Igreja Adventista do Sétimo Dia, foi para a Umbanda onde conheceu a Cabocla Jurema, até hoje cultuada em sua roça e, finalmente, encontrou o candomblé Angola, tornando-se uma das referências desse culto.

Até o seu estabelecimento no culto dos Nkices, Mãe Dango teve muitos transtornos por não desenvolver plenamente sua espiritualidade e, com isso, sua mediunidade era considerada loucura, e as consequências dessa compreensão foram anos de submissão a tratamentos psiquiátricos a base de choques elétricos e outras violências ao seu corpo e a sua saúde em virtude de uma grande interdição a algo que era imanente à sua integridade como sujeito: seu pai, de origem banto, já havia informado sobre seu destino, no entanto, com sua morte, a jovem predestinada viu-se atacada pela incompreensão dos outros.

Essa versão de sua própria biografia é narrada publicamente por Mãe Dango e ofereceu insumo para investimentos mais poéticos na estruturação de sua trajetória pelo cinema.

A opção por uma estrutura mosaicada foi, assim, justificada, sobretudo pela necessidade que encontramos de realçar “as curvas” de sua vida. Longe de uma teleologia, há embate, enfrentamento, sofrimento, coragem, conhecimento, força de vontade, fé e conhecimento reunidos para construir uma história que reverbera, principalmente junto às mulheres negras de várias idades, com os piores salários, o tratamento mais desigual, a violência doméstica e as consequências da baixa autoestima.



Mãe Dango é uma sacerdotisa que rege seu templo e cuida de seus filhos, é também costureira de vestimentas de candomblé, uma das principais fontes de seu sustento. Em seu barracão (ou terreiro, ou igreja, há várias denominações utilizadas pela comunidade) desenvolvem-se, assim, as atividades sagradas, festas e reuniões sociais que se destinam a arrecadar fundos para a manutenção e conservação da casa e ali também se dão os trabalhos pessoais e profissionais de Mãe Dango, onde ela faz consultas por meio do jogo de búzios e costura as roupas cerimoniais de seus filhos.

A partir dessa descrição, resolvemos fazer o seguinte recorte, para descrever/exibir/apresentar um perfil de Mãe Dango e de sua comunidade:

1. Filmar a Casa do Arco-íris: sua estrutura interna, as imagens e os significados de um espaço sagrado dedicado ao candomblé Angola; Mãe Dango nos guiou por seus cômodos, corredores e imagens e enquanto a câmera realizou o passeio visual, o gravador capturou sua fala sobre como se deu essa construção, os seus significados e suas histórias;
2. Acompanhar a preparação da feijoada, um dos principais eventos festivos da casa. Com isso, além de observar todo o preparo e, principalmente, ter imagens de Mãe Dango temperando e finalizando a feijoada, tivemos também imagens e sons da participação da comunidade do terreiro nesse evento;
3. Filmar o evento da feijoada, em estilo direto, deixando-se levar pelas dinâmicas do evento: as conversas, os encontros, o samba que atravessa a tarde, a confraternização, a alegria.
4. Filmar uma entrevista com Mãe Dango costurando. Fizemos um registro de suas habilidades como costureira, capturando, pela imagem e pelo som, especificidades da costura de uma roupa sagrada. A voz de Mãe Dango, oferecendo explicações sobre esse e outros processos fizeram o contraponto.
5. Filmar uma cerimônia sagrada, também conhecida como festa de santo.
6. Filmar o Cerimonial festivo e religioso da Lavagem da Escadaria da Catedral. Desde a preparação de seus filhos de santo, que saem em caravana, a descida pela rua Treze de Maio, a lavagem das escadarias com água de rosas, as apresentações dos grupos afro-campineiros.

Portanto, partimos de um recorte que assume o aqui e agora como parâmetros dominantes de imagens e sons, a essa expressão visual e sonora se agrega material de arquivo e reiteramos, o



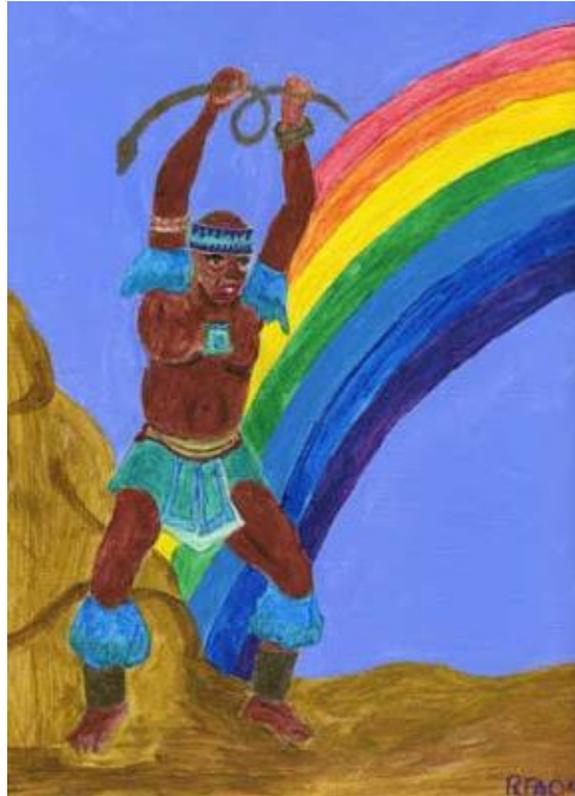
conjunto de “vozes” agregadas à construção do relato habitam territórios diferentes. A partir desse material bruto, almejamos lapidar o conteúdo verbal e a trilha sonora, bem como a plethora de imagens de lugares, pessoas, objetos, gestos, coreografias, entre outros itens. E, com isso, restituir, por meio de um olhar pessoal, assumidamente poroso, o resultado da vivência com uma história tão profunda. O resultado esperado era/foi a construção de um filme poético e político que reverberasse o circuito de afetos que esses encontros geraram.

Imagem da Lavagem da Escadaria, Campinas, 2016.





PROPOSTA DE DIREÇÃO E/OU CONCEPÇÃO AUDIOVISUAL



Osùmàrè ou Oxumaré é o orixá de todos os movimentos, de todos os ciclos, da chuva e do arco-íris. Ele representa a mobilidade e a atividade e uma de suas funções é dirigir as forças que geram o movimento. Oxumaré, símbolo da continuidade e da permanência, é o senhor de tudo que é alongado e também representa a riqueza e a fortuna. Algumas vezes é representado por uma serpente que morde a própria cauda (infinito). Rege o princípio da multiplicidade da vida, transcurso de muitos e variados destinos. De variadas funções, diz-se que serve a Xangô e que seria encarregado de levar as águas da chuva de volta para as nuvens através do arco-íris. Oxumaré, o segundo filho de Nanã, irmão de Ossaim, Ewá e Omolu, que são vinculados ao mistério da morte e do renascimento, é originário de Mahi, no antigo Daomé, onde é conhecido como Dan. Na região de Ilé-Ifê é chamado de Ajé Sàlugá, aquele que proporciona a riqueza aos homens.

(Raquel Trindade, Jefferson Galdino e Sandra Regina Félix)



Tomamos como ponto de partida e como referência para a concepção visual do documentário a figura do Nkici Hongolo, também conhecido como o Orixá Oxumaré e as imagens diretamente relacionadas a ele - a serpente e o arco-íris. É o santo de Mãe Dango, ele rege a Casa do Arco-íris. O movimento da serpente parece sugestivo para a elaboração “mosaicada”, não linear da construção da imagem de Mãe Dango. Por outro lado, temos essa imagem forte do arco-íris que permite um colorido intenso e vibrante, algo inerente ao universo que documentamos.

Trata-se de um documentário poético, portanto, a tradução subjetiva, livre, porosa em imagens e sons sobre o universo de Mãe Dango. Foi essa a proposta de direção: assumir um olhar livre que celebre essa figura.

A partir de um trabalho concentrado de visionamento e escuta do amplo material nasceu a narrativa do filme, sendo já estabelecido uma estrutura previa de sequencias a serem filmadas e um modo particular de olhar esse contingente. Para a organização desse material híbrido, direta e indiretamente relacionado à trajetória de Mãe Dango, abrimos mão da tradicional voz over e procedemos a um encadeamento das falas, dos cantos e das imagens, valorizando sua dimensão plástica e sonora, não perdendo de vista a contundência do conteúdo que esse material poderá trazer. Esses procedimentos visaram a construção de um ponto de vista sobre uma determinada liderança religiosa e comunitária, sendo sua imagem associada ao feminismo negro, às comunidades negras, à cultura negra, comumente marginalizada, de tal forma que essas vozes sejam ouvidas, realçadas e valorizadas.

A questão sonora do filme foi conduzida pela forte referência dos atabaques que regem as cerimônias da Casa do Arco-Íris. Como não se tratou de um documentário realista, mas poético, foi destinado tratamento especial a essa referência. O trabalho artístico do Arubu Avua foi uma referência forte, justamente pelo tratamento eletrônico que foi dado à sonoridade dos atabaques.

Arubu Avua:

Rumo Diurno: https://youtu.be/kz_SQTakONc

Naonde: <https://youtu.be/0v69UCtgfoc>

Protocosmos: <https://youtu.be/SIVYCYdwdYs>



A montagem do filme baseou-se numa concepção aberta de narrativa, portanto fez-se jus uma montagem intelectual. Os fragmentos foram restituídos na mente do espectador que acompanha as performances que demonstram a força de Mãe Dango e de sua comunidade. Assim, imagens de Hortolândia e de Campinas situam a geografia física; imagens da Casa do Arco-íris, seus móveis e objetos, sua movimentação humana, seus vazios e silêncios oferecem um olhar prismático sobre o espaço sagrado; Mãe Dango e sua voz off e diegética nos brinda com seu olhar sobre sua própria trajetória, a maneira como compreende e desenvolve o candomblé de Angola, as relações com seus filhos de santo e sua comunidade; as festas civis e religiosas oferecem também transporte para as várias maneiras de atualização do conhecimento afro-brasileiro, vivo e presente.

Finalmente, propomos um especial trabalho na pós-produção, com a composição/criação de efeitos especiais em sintonia com o trabalho experimental na trilha sonora. O desafio é transpor para as imagens o universo do sagrado, de uma religiosidade fundada na oralidade, nos cultos e transes. Para isso, a princípio, a referência mais próxima seria do documentário Xapiri⁵ (2012), dirigido por Laymert dos Santos, Leandro Lima, Gisela Motta

Imagem do documentário Xapiri (2012).



⁵ Xapiri é um filme experimental, inspirado no xamanismo yanomami. Suas imagens foram registradas por ocasião de dois encontros de xamãs na aldeia de Watoriki, Amazonas, em março de 2011 e abril de 2012. Entretanto, o trabalho realizado sobre estas imagens escapa do registro documentário a fim de produzir uma simulação tecnológica livre a partir do universo visual e conceitual do xamanismo yanomami. Xapiri não pretende descrever e muito menos explicar o trabalho dos xamãs Yanomami. Deve ser considerado como uma tentativa de tornar sensíveis, através de nossas imagens digitais, certas ideias yanomami sobre as imagens xamânicas (utupë), sua ontologia e sua estética, sua transdução e mutabilidade nos corpos. Trata-se, antes de tudo, de uma homenagem visual à riqueza intelectual e poética do xamanismo yanomami. Trailer: <https://vimeo.com/79411469>.



RELATÓRIO DE PESQUISA

Os familiares de Nengua Dia Nkisi Dango Hongolo Menha (Mãe Dango de Hongolo - Eunice de Souza) que chegaram num dos últimos navios negreiros a aportar na Bahia, eram bantos. De seus ascendentes, seu pai, Antonio de Souza, sobrenome português adotado posteriormente, deixou um forte legado para ela, era um profundo conhecedor das ervas, um benzedor num contexto em que o candomblé sofria muitas perseguições. Por meio de sua Madrinha Maria Santos de Lima, iniciou-se na umbanda e em 1978, Eunice Souza dirige a Tenda de Umbanda Cabocla Jurema de Tawamin, já estabelecida em Hortolândia, depois de ter vivido em Belo Horizonte e Campinas. Em 1984, Mãe Eunice iniciou-se no candomblé, tornando-se, então, Mãe Dango de Hongolo, filha de Mam'etu Munukaia de Kafundeji, de Mongaguá - SP, cujas raízes são do candomblé de Nação Angola de Joãozinho da Goméia⁶.

Mãe Dango tornou-se não apenas uma líder espiritual, mas também comunitária, inquieta em relação às questões sociais que a cerca, teve e tem profunda ligação com seu bairro e com a cidade de Hortolândia, o que a projetou para a região metropolitana de Campinas como uma figura de destaque. Desde 1985, ao lado de Mãe Corajacy, organiza a Lavagem das Escadarias da Catedral de Campinas, algo visto no Brasil, na mesma dimensão, somente em Salvador, com a Lavagem do Bomfim. É o grande momento de consagração, resistência e visibilidade da cultura banto na cidade de Campinas.

Há escassas referências audiovisuais sobre o candomblé banto no cinema e na televisão brasileiros. Assim como acontece no âmbito do imaginário religioso, também o audiovisual reproduz com mais frequência os referenciais da cultura jeje-nagô. Assim, no contexto do documentário, filmes tais como *Iaô* (1973), de Geraldo Sarno, *Egungun* (1982), de Carlos

⁶ João Alves de Torres Filho ou Joãozinho da Goméia, também conhecido por Tata Londirá, era sacerdote do Candomblé de caboclo (Angola), nasceu em 27 de Março de 1914, na Bahia e morreu em 19 de Março de 1971 em São Paulo. Joãozinho da Goméia chamava a atenção de pesquisadores famosos da época, como o baiano Edison Carneiro e a americana Ruth Landes, ganhando prestígio rapidamente e despertando polêmicas. Era um homem jovem, numa cultura religiosa dominada por velhas senhoras. Aos 21 anos, ele tinha seu próprio terreiro e havia formado várias filhas-de-santo, a maioria bem mais velha do que ele. Joãozinho da Goméia foi o grande responsável pela expansão do candomblé no Sudeste do país, a partir da década de 1950. Ele formou milhares de filhos-de-santo, que criaram novos terreiros em São Paulo e no Rio de Janeiro. Essas casas de candomblé apresentam-se orgulhosamente, ainda hoje, como fazendo parte do "modelo Goméia", ou da "raiz Goméia".



Brajsblat, *A cidade das mulheres* (2007), de Lázaro Faria, *Meu tempo é agora - Ilé Asé Opo Afonjá* (2010), de Ana Ribeiro, *Atlântico Negro - Na rota dos orixás* (1998), de Renato Barbieri, *Pierre Verger, Mensageiro entre dois Mundos* (1998), de Lula Buarque de Holanda, entre outros, sob abordagens variadas, voltam-se para a cultura iorubana, com foco central na Bahia. Filmes como *A Dança das Cabaças* (2008), de Kiko Dinucci, e *Atabaque Nzinga* (2007), de Otávio Bezerra, ainda se voltam para o referencial nagô, no entanto, aqui já temos apontamentos referentes aos bantos.

Outro dado relevante é sobre a lacuna referente à relação entre a produção de documentários sobre temas afro-religiosos localizados no interior de São Paulo. Assim, a proposta de *A Mulher da Casa do Arco-íris*, de alguma forma, buscou preencher essas lacunas apontadas.

Bibliografia para realização das pesquisas de referência

DANIELI NETO, Mário. **A escravidão urbana em Campinas**: a dinâmica histórica e econômica do trabalho escravo no município em crescimento (1850-1888). Campinas: Dissertação de Mestrado, Instituto de Economia, Unicamp, 2001.

MOTTA, Cristiane Madeira. **Kubana Njila Diá de Angola, Travessias do ator-sacrário por entre as divindades de Angola**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicação e Artes de São Paulo, USP, 2013.

PREVITALLI, Ivete Miranda. **Candomblé: agora é Angola**. São Paulo: Annablume, 2008.

SANTOS, Antonio da Costa. **Campinas, das origens ao futuro (1732-1992)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

MARETTI, Marialba Escadaria Florida. 22º Lavagem da escadaria da Catedral Metropolitana de Campinas. In: **Revista de Antropologia Experimental**, nº 7, 2007. Universidad de Jaén (Espanña) Pontificia Universidade Catolica de Campinas.

CENTRO DE MEMÓRIA UNICAMP (CMU). Cidade Universitária Zeferino Vaz, Barão Geraldo, Campinas, São Paulo. Com 150 conjuntos documentais (mais de 1.300 metros lineares de documentos, 80 mil processos, 3 mil livros manuscritos, 80 mil fotografias, 2 mil rolos de microfílm e cerca de 100 mil documentos avulsos de natureza variada, 850 horas de áudio digitalizadas) com o mais vasto acervo sobre a memória de Campinas e região.



Imagem do documentário em comemoração aos 30 anos da Lavagem (2015) – Produzido e realizado pelo MIS/Campinas - <https://youtu.be/-TezDFMa3bY>.



ROTEIRO – MONTAGEM – A MULHER DA CASA DO ARCO-ÍRIS

1. BANTO (letreiro – tela – fundo negro)

Descrição: na primeira parte do documentário, intitulada BANTO, segue um relato em voz over de Mãe Dango, a partir da entrevista realizada no dia 24/03/2017. Além da voz over devem constar uma trilha sonora, para dar ritmo e emoção ao relato. Poderá integrar o trabalho de trilha a ladainha que dá início à lavagem e também às celebrações na Casa do Arco-Íris: “Kubanangila de Angola ae ae ae / Kubanangila de Angola Kongo le / Kongo ae”. Nessa sequência, a ideia é desenvolver um relato memorial, etéreo, que remeta a esses campos do imaginário e da imaginação, porém atualizados em figuras reais, do universo de Mãe Dango, mas sem um tratamento realista e contextualizador. O som da fala remete à figura do pai e por extensão à forte herança Banto e que resulta, sobretudo, nos trabalhos da A Casa do Arco-Íris, onde Mãe Dango é a principal sacerdotisa. As imagens, assim, colhem fragmentos de mundo que podem ser referência à cultura Banto, organizadas de forma dispersiva, sem continuidade, com grande carga de sentido e de poesia.

**IMAGEM**

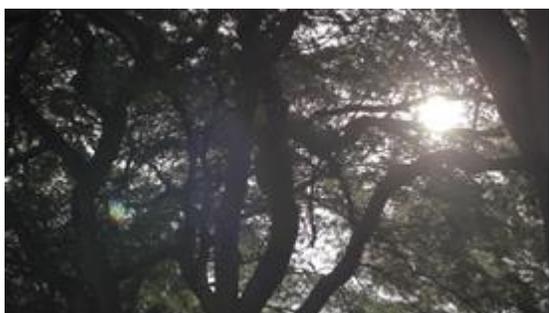
14.07.2016 – MVI 1085



14.01.2017 (Festa somente com a Dango, câmera somente Coraci)



14.07.2016 – MVI 1086



16.07 – Camera Coraci

**SOM**

eu sou de uma família de nove irmãos. Oito de sangue e uma parente mais prima que minha mãe e papai criou. Sou de Belo Horizonte, nasci lá né. E estou aqui muitos anos já vim de lá casada.

E papai era banto, né. Era de família banto, uma pessoa que prezava muito as raízes. Ele era benzedor na época, construtor, era armador, fazia prédios

era um grande homem

Todos nós fomos com parteira e com papai. Quem ajudava a cortar o umbigo era meu pai. E aí como ele era rezador, podia estar chovendo. A gente acabava de nascer ele cortava umbigo ele levava a gente no tempo, como fazia os ancestrais dele. E como naquela época não podia falar que era pai de santo, então, falava rezador. E papai chegava em casa, falava Maria, que minha mãe se chamava Maria. Maria põe água no feijão, porque essa semana eu vou atender tantas pessoas. Ele chegava ele tinha uma cumbuquinha de cozinha, tinha duas cuias, uma ele preparava os “cuento” dele, as raízes dele, inclusive me levava para o mato, eu só tinha cinco anos. Quando ele chegava ele ia para o mato para buscar as ervas. E ele



14.01.2017 (Festa somente com a Dango, câmara somente Coraci)



14.01.2017 (Festa somente com a Dango, câmara somente Coraci)



Entrevista Mãe Dango 24 de março 2017



Acho que é sua camera Coraci.



14.01.2017 (Festa somente com a Dango, câmara somente Coraci)

contava as histórias, do quinto avô, do povo banto, como é que eles chegaram aqui.

Eu não sei nem como falar, se é quinte avô, que foi jogada fora do navio, porque tava com febre. Porque foi passado de pai para filho, de avô para neto, a história da nossa família.

Meu pai era congadeiro. Antonio de Sousa era, congadeiro. Passava o pombo do divino espírito santo, minha mãe fazia broa, para esperar o Congado, eu era pequenininha dançava o congado. (Procurar na entrevista – não está na sequência)

E aí quando ele faleceu, sete dias antes dele falecer, naquela época se deixa filho ir despedir do pai

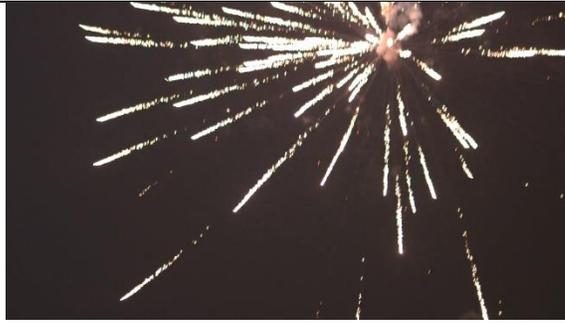
A gente joelhou na beira da cama dele, e ele ainda ofegante né.

Ele pediu para a gente olhar para ele, aquela renquinha de criança.

E ele disse, Vou ser acolhido num tem jeito. Ele era muito espiritualizado ele não tinha medo da morte.

Eu só tinha oito anos e já estava trabalhando fora.

Trabalhava com uma senhora. Trabalhava lá, ela tinha um depósito de coco e



Lavagem 15/04



Lavagem

rapadura embaixo e a casa dela era um sobrado. E eu já tinha trabalhado em outros lugares, já estava no mundo. Mas na casa dela eu fui morar com ela, e mamãe a gente fazia frango ao molho pardo,

E ela falou para mim, ah eu quero comer galinha ao molho pardo, você faz. Eu disse, mas eu nunca matei uma galinha. Aí ela disse, mas então você vai matar. E levou a galinha e eu pus o... eu só lembrava que a mamãe juntava os pezinhos das galinhas e as asas e botava o pé em um, o pé na outra asa. Isso eu lembrava. Eu coloquei, passei o corte da faca na galinha e soltei. A galinha saiu respingando sangue para casa inteira balançando o pescoço. Aí eu fiquei gritando lá de baixo ela ouviu. Subiu. Em vez de me acudir, foi o primeiro tapa na cara que eu ganhei de uma pessoa de fora, papai num tinha morrido ainda. Estava ainda no hospital.

papai morreu. E ali começou de novo um novo ciclo na minha vida.



14.01.2017 (Festa somente com a Dango, câmara somente Coraci)



14.01.2017 (Festa somente com a Dango, câmara somente Coraci)



14.01.2017 (Festa somente com a Dango, câmara somente Coraci)



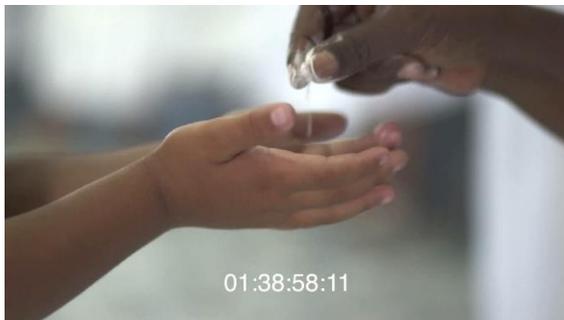
14.01.2017 (Festa somente com a Dango, câmera somente Coraci)



Acredito que seja camera da Coraci, mas há também uma imagem como essa do Felipe



Lavagem, Coraci



Entrevista



ROTEIRO – MONTAGEM – A MULHER DA CASA DO ARCO-ÍRIS

2. DEIXA ENTRAR

Descrição: Nessa parte, ouvimos Mãe Dango relatar sobre acontecimentos de violência que atingiram seu corpo e seu espírito, como as seguidas internações em sanatórios, decorrentes de sua mediunidade não desenvolvida, entendidas como loucura. Nessa parte também, entra de forma muito econômica a violência doméstica, sofrida pelo marido, pai de seus filhos. O desfecho dessas narrativas é muito importante para o desenvolvimento do filme, na medida em que aqui se dá a passagem definitiva para a umbanda e depois para o candomblé. A música ameaçadora, com fios metais, algo que o Victor já experimentado funciona, vai diminuindo a tensão à medida que vamos nos aproximando do final, da Cabocla Jurema.

IMAGEM



SOM

eu tinha vidência, com cinco anos eu tinha vidência, eu tinha essa sensibilidade aberta. – “e (papai) ele dizia para mamãe, a Eunice vai ficar no meu lugar. Ele já tinha me predestinado.

Mamãe, logo que papai morreu ela virou evangélica da igreja adventista. Ela levava a gente acabou tudo que o papai tinha da espiritualidade, é um direito dela. Eu acho que foi até mais a fome que levou ela ser evangélica.



Essas sequencias são imagens de traveling lateral da cidade, de visão de um bairro periférico, imagem de deslocamento, acho que funciona bem para sinalizar essa passagem/mudança para Campinas



Essa é uma tomada que pega a Skyline de Campinas

E passou tempo né. Eu tive todo esse período né de tratamento psicológico terminei aqui, depois tive agressão doméstica que é uma coisa que é complicado de falar. Porque eu casei a mando.

Tive dois filhos lá em Belo Horizonte. A Laurinha, que é a doutora Lauriana, que chama Causele também. O Tata Casumbê, né. Que é meu filho, arte educador. E separei do meu marido. Na verdade determinada pelo meu irmão mais velho. Por que eu era danada eu namorava escondido. Por que ele não queria e eu namorava escondido. Ai um dia eu tomei uma surra dele. Do meu irmão mais velho. Mas eu continuei namorando ele escondido. Ai quando o dia do meu casamento. Todo mundo me jogou arroz, que é tradição né. Ai ele me jogou terra. Daí Bombe, falou, como assim Washington, como você joga terra. Ela tá indo para o cemitério, então, num vou jogar arroz, nela. Aí ele falou, eu ti bati, te dei uma surra, me arrependo. Te dei uma surra, joguei poeira em você, impedi, mas você casou, e hoje, eu não vou viver para ver ele te matar. Ai eu no outro dia, eu vendi tudo que eu tinha... tic tic tic assim, catei meu filhinho botei na caixa de sapato, porque ele era muito pequenininho, catei minha filha vim embora. E aí passa-se, dobra-se a página. Eu começo uma nova história aqui.

E aí eu ia pra igreja, chegava na igreja, eu entrava em transe lá. Só que era um transe violento, era um transe sem controle. Entendeu. Aí, eu tomava gardenal, degadron, imagina gardenal de 850mg, naquela época. E foi a época do choque. Entendeu. Eu



- Para essa sequencia, vamos usar (se conseguirmos a autorização) imagens do predio do sanatorio hoje restaurado e tombado. Penso também em imagens de janelas e corredores.

Sanatório Santa Isabel

cheguei aqui. O último lugar que eu me internei foi no Santa Isabel, que hoje num tem mais graças a deus.- PROCURAR FOTOS NO CENTRO DE MEMÓRIA – SANATÓRIO SANTA ISABEL - E era choque. Entendeu. Você imagina lá em Belo Horizonte o que eu sofri. Então eles me botavam camisa de força e me mandava para o hospital. Entendeu, Todo o culto, a maioria do culto, porque a igreja adventista é no sábado, né. A maioria do sábado de culto, a maioria do sábado na segunda feira eu estava no hospital. Entendeu. Babando, porque chegava lá eles davam aquelas injeções cavalhar na gente, e eu ouvia tudo, via tudo, entendeu.

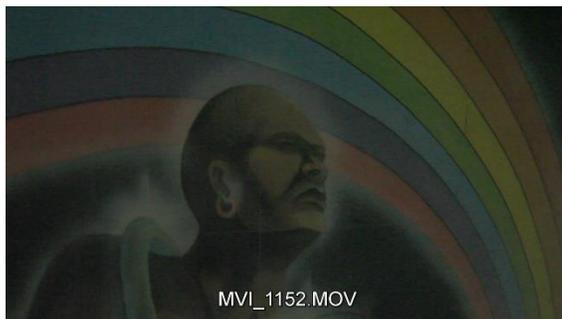
Aqui eu engravidei, porque depois o pastor..., porque eu vim evangélica de lá. Eu me tornei espiritualizada aqui. E o pastor em volta, volta irmã Eunice, volta... eu aceitei de novo meu marido aqui e engravidei com a minha terceira filha que é (inaudível). Mas a mamãe fez o barraquinho e quando eu vim com os meus dois filhos eu fui para o barraquinho dela, primeiro lá. Então, morei lá no São Bernardo no barraquinho da mamãe. a gente tinha tudo, papai ganhava muito bem, né. Papai ganhava muito bem. Então, a gente tinha tudo, tudo. De repente a gente punha sal na boca para aguentar a fome até mamãe chegar. Então a gente teve três ciclos né. Muito nas nossas vidas. Uma vida de uma família estruturada, né. Uma história de uma família escravizada. Depois uma história de uma família descendente dessa família estruturada, depois, uma família despedaçada e uma família recuperada. E hoje essa



Eu relaxei um pouco. Daqui a pouco ele disse assim, passou a dor. Oh, para dizer para vocês o final dessa conversa, eu desci de lá, a cabeça já não estava doendo mais. Tava uma lua de crescente para cheia. E ai ele disse assim, para mim, se você acreditar em Deus, primeiramente, que ele tem tarefa com você, e você acreditar que você tem dom, que nada disso que você vê, que você sente para as pessoas é ruim, deus te deu o dom para você falar com as pessoas, orientar as pessoas e cuidar das pessoas, você não vai usar mais remédio, você não tem necessidade desses remédios, esses remédios esta judiando de você. Acabando sua memória. Eu parei na primeira encruza olhei para cima, falei como falei no dia, para nossa senhora aparecida, mesmo sendo evangélica. Eu falei oh Jesus, eu preciso criar meus filhos, se é verdade que esse dom que eu tenho, que eu vejo que eu sinto, que eu sei como as pessoas estão, e as pessoas falam que eu sou louca, que isso Deus não permite ainda, que os dons ele ainda vai ser revelado, se isso não for verdade, e se o senhor me trouxe, o senhor precisa me mostrar, mas eu vou começar a dar o primeiro passo. Joguei todo aquele remédio para trás e fui embora. Até hoje nunca mais tomei nada. Um dia eu senti meu corpo tec tec, balançando. Eu disse meu Deus que que é isso que eu to sentido que num para. Parecia que eu tava, falei, será que eu to dando ataque epilético, era minha Cabocla Jurema que estava vindo em mim.

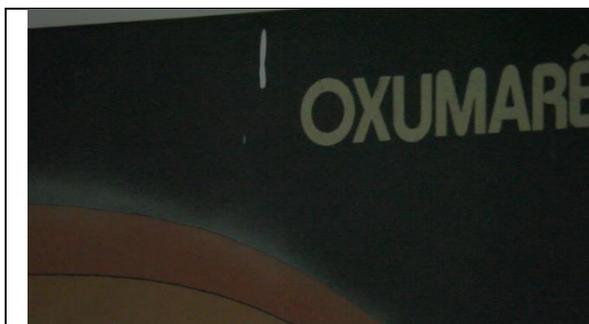


MVI 1152 – 16/07/2016



1150, 16/07

Então, ela conta a história dela, que ela era uma índia. Que numa saída da aldeia dela. Ela ficou perdida na mata E ai ela ficou sozinha numa mata e passou a noite ela recebeu como visita no lugar onde ela ficou, por que ai ela não encontro mais ninguém, ela índia como era, sabida com algumas formas de sobrevivência, ela criou uma espécie de oca para ela ficar e ela recebeu a visita de uma onça. E ela pensou que essa onça ia come-la. Mas, de repente ela disse que olho com olho na onça, a onça abaixou a cabeça e não atacou ela. E ela, passou-se a noite, a onça baixou. A história dela continua falando que a onça foi embora. E ela começou a procurar jeito de sobreviver. Os ataques e ao mesmo tempo comer. E ai passou a pescar, passou a sobreviver. E ela fala que a história dela todo dia essa onça ia visitá-la. Chegava lá deitava. Até que um dia ela pode tocar a mão na onça, ela tocou na onça e a onça ficou quieta. E a partir daí elas passaram a ser amigas. A onça criou... é tanto que eu não sei se eu posso cantar. Posso cantar como ela fala. Ela canta assim o: - eu sou filha de Iansã, a filha de Oxossi, minha flecha é certa. Minha cura é verdadeira. Minha boca tem palavras que ameniza sua dor. Cabocla de flecha certa. Cabocla de altivez. Cabocla Jurema que sempre me satisfiz. Por oncinha foi criada. Na verde mata fechada. Não pera ai que eu esqueci. Cabocla de flecha certa. Cabocla de altivez. Cabocla Jurema que sempre me satisfiz. Cabocla Jurema, Jurema do Juremar, da me proteção mãezinha para nós não vacilar. Cabocla Jurema, Jurema do



Juremar, da me proteção mãezinha para nós não vacilar. Aí veio esse ponto na minha cabeça, e falou canta, e ai eu cantei. E era o ponto dela. Entendeu. E hoje ela está ai, ela que rege essa casa. Tudo. Pai Angoro é pai, sou de candomblé nação Angola, língua kibundo, aqui tem tradição, né. Inkise é Inkise, mas encantado é encantado. Ela, aqui, nessa aldeia aqui ela manda e desmanda. Olha ali no altar. Linda.

Complementa:

Ai eles dizem: - mãe a mãe Jurema falou que tá chegando o tempo da senhora passar de uma aldeia para outra. Ah de aldeia para outra, como assim?

Ela disse que a senhora tem várias, é... história para ser contada, uma era a história de aprendizado com o pai da senhora, a outra era o aprendizado com o sofrimento, por não ter esse entendimento, a outra é com ela, e depois é com o seu santo. Porque ela falou que a senhora é filha das cobras. E ai a senhora tem que procurar alguém que cuida da senhora, por que a senhora e filha da cobra.

ROTEIRO montagem – A CASA DO ARCO-ÍRIS

Descrição: é o momento apoteótico do documentário. A sequência se desenvolve sem falas, como acontece nas celebrações de terreiro, onde prevalece o canto e a dança. São três saídas de Hongoro, assim, a sequência também poderá criar uma coreografia própria, obedecendo a ordem das imagens. A trilha deverá obedecer as músicas que estão ligadas ao Inquice, portanto, mesmo que haja alguma intervenção, não se deve fugir da relação música/imagem diretamente. Importa aqui, sobretudo, o ritmo, calculado pelos vários movimentos que se organizam em torno de Mãe Dango.

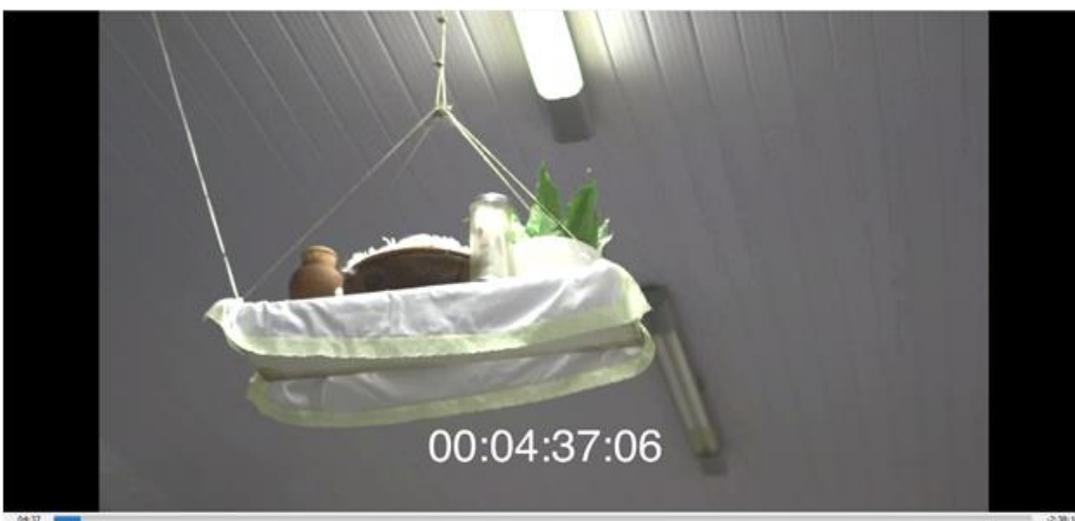


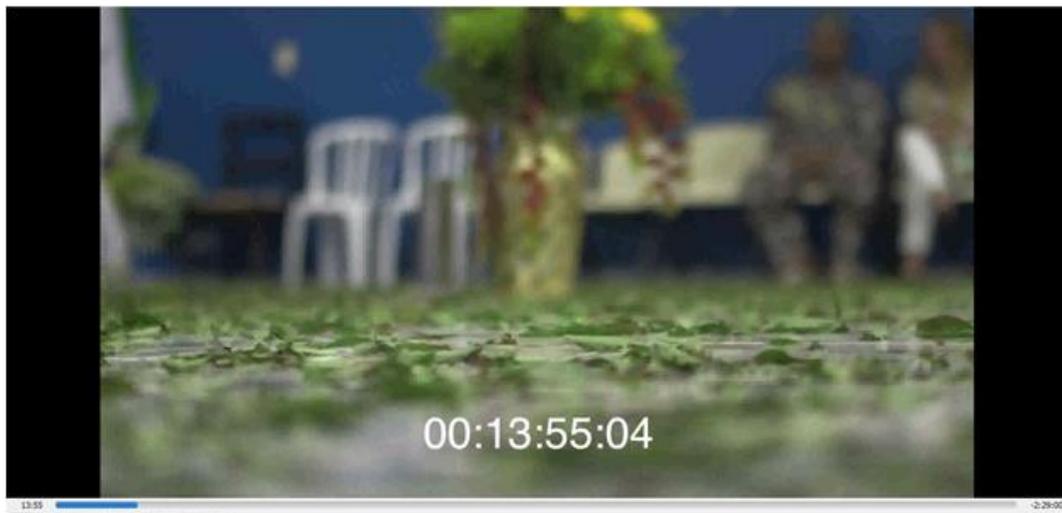
As pessoas se curvando e se levantando, as pessoas observando têm uma força também, isso pode ser bem explorado; bem como, as mãos, os braços e os pés dançando. Em relação ao sujeito principal, será preciso criar de maneira mais ou menos regular/equilibrada três sequências de saídas, com suas vestimentas e coreografias próprias. Há uma sequência muito importante: Mãe Dango dança com suas filhas e sua neta no centro.

As 11 primeiras imagens não se aplicam a essa sequência, separei porque fazem parte da filmagem do dia 14/01, seu uso será destinado para a primeira sequência, onde focalizamos detalhes da cultura banto no espaço. O recorte com os fogos pode ser utilizados na abertura da sequência da Casa do Arco-Íris





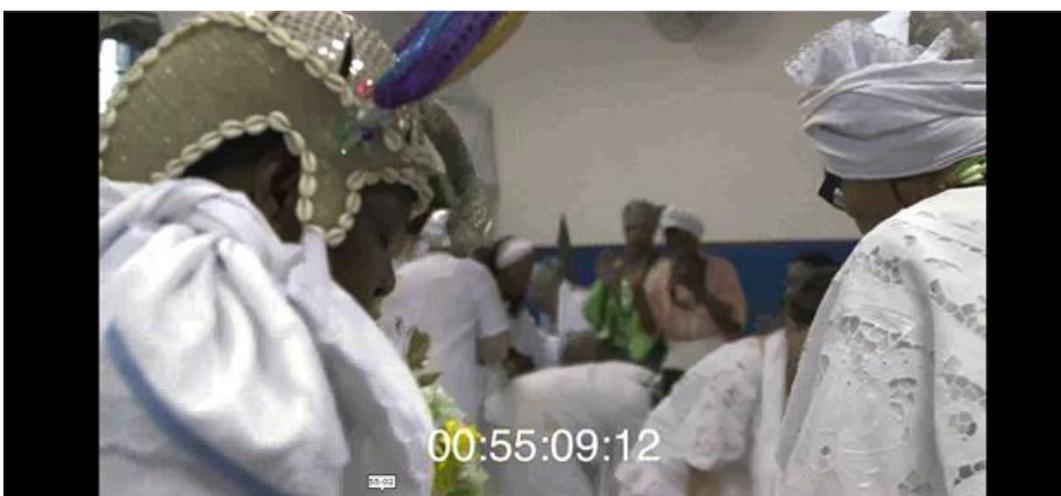




Fogos para a saída de Mãe Dango













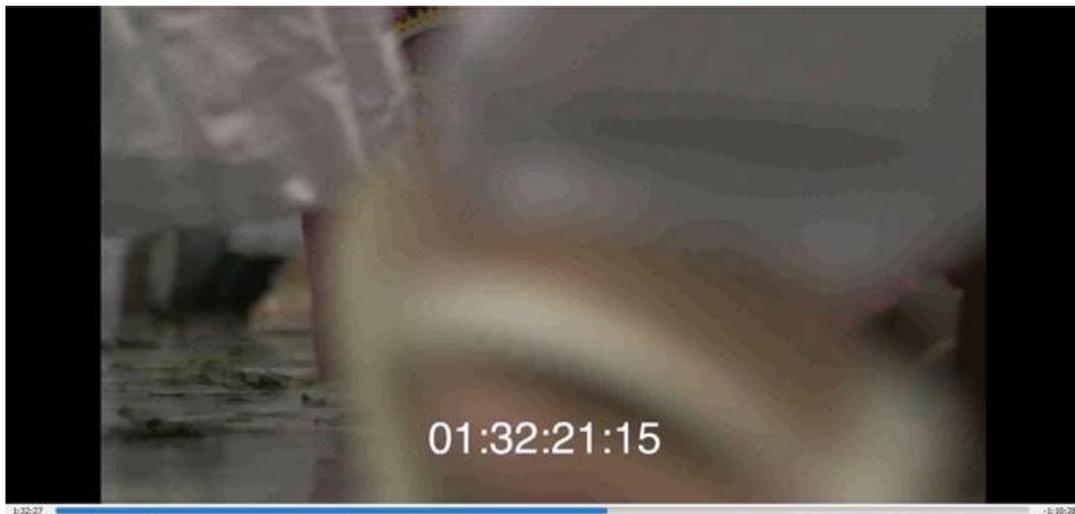




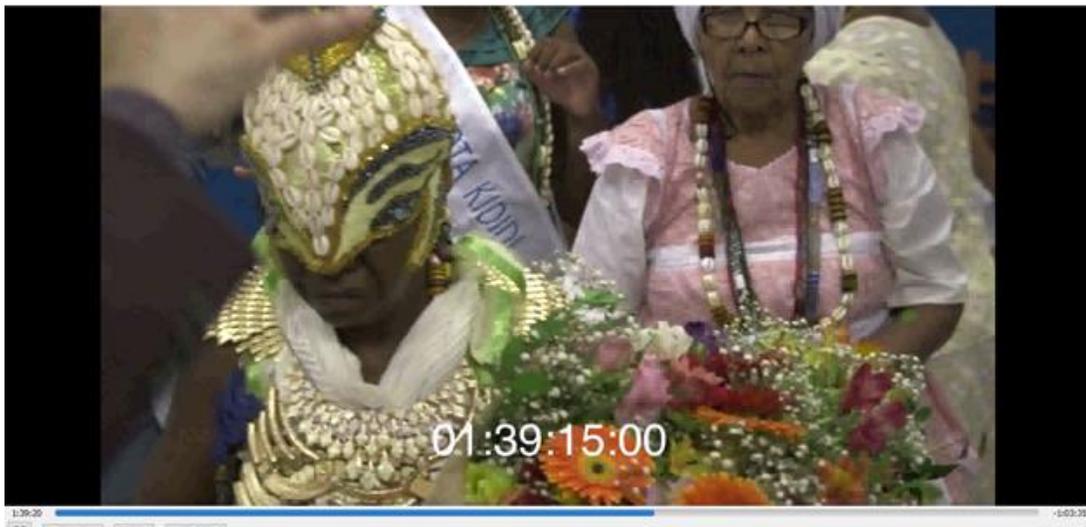


















SEQUÊNCIA MUITO IMPORTANTE, MAE DANGO ESTÁ COM SUAS DUAS FILHAS E SUA NETA









ROTEIRO – MONTAGEM – SABERES E SABORES

4. SABERES E SABORES

Descrição: Ouvimos Mãe Dango retomar a narrativa sobre o povo banto, seu legado. Em seguida, uma história sobre as relações entre a costura e a sobrevivência, sua relação com seus filhos e sua visão sobre candomblé e o transe.

| IMAGEM | SOM |
|---|--|
|  | <p>SOM</p> <p>SOM</p> <p>Filmagem dia 02.07.2016</p> <p>Começa em 26:43:21</p> <p>“eu toquei nove anos umbanda, era Tenda Espirita Cabocla Jurema do Oxossi..... (até) não é fácil ser do candomblé – 27:18:20</p> |
|  | |
|  | |



“como os bantos vieram primeiro, eles tiveram que adaptar a roupa brasileira né

Isso, porque pra fazer a primeira agricultura familiar no quilombo, foi levada no cabelo, os grãos, as sementes de arroz no cabelo, porque elas trançavam, abria o cabelo, botava as sementes ali e trançavam. E ai nas saias, levava sementes aqui, semente de feijão, comida. Chegava lá, elas desalinhava, como é que eles iam saber? Quase não trocava de roupa, eles iam ficar



preocupado? Era pesado, agora você imagina, porque era assim, passava assim, tá vendo? Elas alinhavava e enchia aqui de semente, alinhavava e enchia aqui, como se fosse uns canudinhos, então aquelas roupas sujas, vc acha que eles iam enxergar alguma coisa? E mais, levava até pedacinho de carne, pra dar comida na senzala, quando eu soube dessa verdadeira história, eu me apaixonei pela tradição, então as roupas são assim, num é qualquer pessoa que sabe costurar, eu num fiz corte e tive que aprender com as minhas mais velhas, horas, é assim Dango, é assim que faz, é assim que dobra, sim senhora, ai eu dobrava, tava errado, desmancha, porque eu tenho três filhos de carne, eu sou muito vaidosa com o santo, eu gosto de roupa nova, era muito caro pra fazer, pra mim e pras minhas filhas todas, ai eu fui pra máquina, eu vou aprender a costurar, agora é minha neta que aprendeu, também não foi pra lugar nenhum, aprendeu comigo.

Todas as roupas já têm um nome e eu já visto o corpo.... até 15: 39

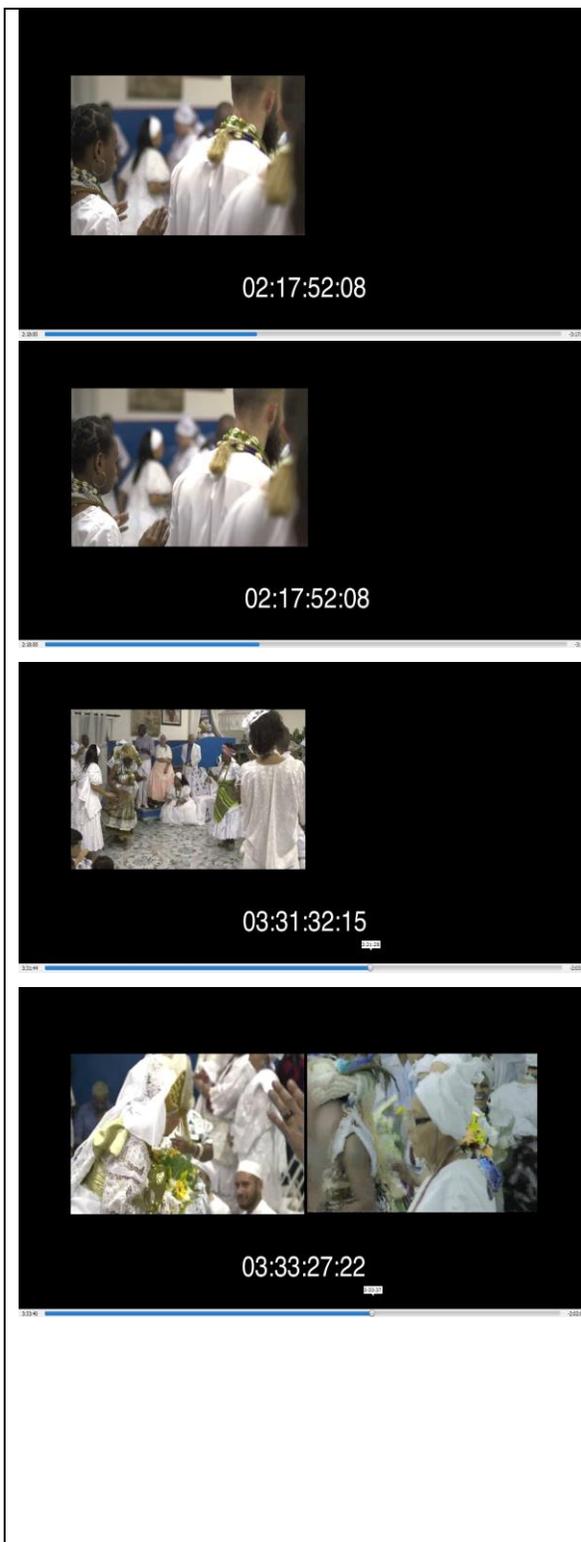


Ir para ilustração da festa do dia 16.07



(COMO A SENHORA DEFINE O TRANSE?) – 35:58:17

A energia de dentro pra fora, não de fora pra dentro, ninguém recebe nada, você entra em transe daqui pra fora. Porque todos nós somos Deus gente, dentro de nós, energia vibratória. O tambor chama, você se permite, e o transe vem. Ninguém recebe Ogun, gente. Ninguém recebe Oxumaré, eu sou Angorô, Eu sou chamada Eunice, um dia eu fui em alguém, uma sacerdotisa que disse você não é mais Eunice, não, nunca foi Eunice, você Hangoro, alguém deu o nome de Eunice quando você nasceu, então essa historia de falar eu recebo meu santo, é so uma forma que a gente achou de falar. Mas eu entro em transe, com a minha energia de dentro pra fora. Gilberto – E esses vários elementos são auxiliares dessa autodescoberta, desse processo todo? A roupa, a dança... são fatores de energia?



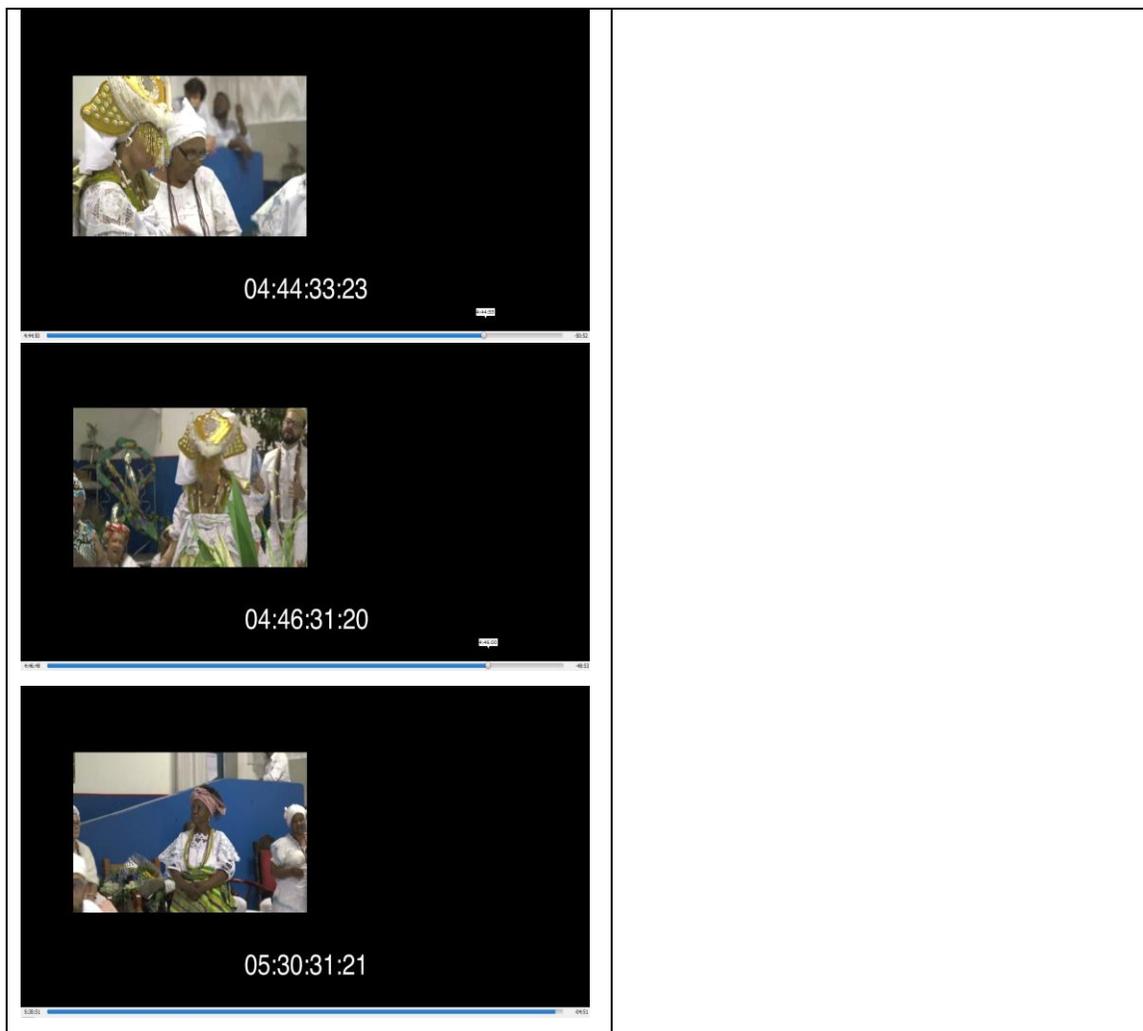
Que vem despertando e fazem o conjunto.

38:18:06

Aí os tambores chamam, chamam você.
Aí você está vestido com você, a roupa,
a energia, os encantos, porque tudo isso
precisa chamar no tambor, sem tambor
não faz nada, os tambor precisa chamar,
os adijás precisa chamar, a fala precisa
chamar, o encanto, a força da palavra da
mãe de santo, entendeu, da mameto, da
negua, do babalorixá, da yalorixá, tem
que tá aqui, a força da palavra, senão é
um monte de comida jogada fora, ce ta
me entendendo? Uma roupa só bonita,
um vazio...voce tem que saber que tudo
muito sério nisso. Mexer com o
universo.. nós temos o corpo, tem uma
energia dentro do corpo, reconhecer esse
universo espiritual, identifica-lo, e vesti-
lo, para que a pessoa possa caminhar na
vida é uma benção, mas é muita
responsabilidade, você está mexendo
com a energia das pessoas, é muito sério,
é muito profundo, eu não tenho respeito
só não, eu tenho medo... muito medo, eu
tenho respeito e medo, porque o dia que
acabar o meu medo, vai acabar minha



responsabilidade, eu vou achar que eu
estou podendo.



ROTEIRO – MONTAGEM – Lavar a cidade com água de cheiro

5. LAVAR A CIDADE COM ÁGUA DE CHEIRO

Descrição: Na última parte, apresenta-se o cortejo e a lavagem da escadaria de N.S. da Conceição. O link com a parte anterior pode ser estabelecido com o personagem Jura do Pote.



IMAGEM



SOM

Retomar a entrevista:

Então eu tava feita de santo recente e Corajaci também, ela era mais velha que eu, mas estávamos todo... ela é três anos, quatro mais velha que eu. E a gente se acabou ficando muito perto uma da outra, né. Na questão espiritual, e ai que que acontece, foi descendo, né. Quando eu cheguei lá e os engraxate, ali conversando com eles, veio um ser me empurrou e disse: - Sua feiticeira, rarararara muito feio, e me derrubou em cima dos engraxates. Eu machuquei o joelho, machuquei... mas eu levantei muito rápida e sai com a vassoura xingando ele de tudo quanto é nome, tinha até esquecido que eu tava de obrigação. Ele atravessou a Francisco Glicério foi embora e eu voltei e olhei para a Igreja, eu já era do movimento negro, entendeu. Eu já militava. E eu sei que as igrejas foram construída por negros e que... quantos negros morreram ali. Então, tudo disso eu já sabia, porque eu era uma pessoa muito dinâmica nisso. Ai eu disse: - olha Nossa Senhora da Conceição, a Senhora esta em cima de um monte de cadáver de ancestral meu, seu altar esta assentado em cima do sangue dos meus ancestrais, mas como eu sei que a senhora é mãe, e não concorda com que esse individuo fez comigo eu vou ainda entrar ai dentro e vou tocar os meus tambores ai dentro. É uma promessa que eu faço a Senhora e aos meus



Ladainhas:

1) Kubanangila
de Angola ae ae ae

Kubanangila
de Angola Kongo le
Kongo ae

2) Quando eu cheguei
aqui nesta cidade
eu avistei a torre
da igreja

O que beleza, cheguei
Agora,
Nossa Senhora
Seja nossa guia

3) Nossa Senhora
da Conceição
Até para o ano
Com a sua benção

Nossa Senhora

ancestrais, nisso a Corajaci chegou e a gente conversou. Isso passou uns dias a gente estava se encontrando da mesma forma, ai foi para o pronto socorro, foi um auê. E doeu muito isso, porque eu tava de fio de conta, eu tava recente de obrigação, o conjunto era laranja, num sei se vocês lembra, tanto que era chamado laranjinha, eu punha um minhocão branco por dentro e botava o laranja, mais eu não deixei ele botar o meu topoço, o meu paninho branco queété, e o fio de conta, entendeu. E ai ele viu aquilo, ele se revoltou. Esse individuo né. Ai passou uns tempo nós conversando em frente a lavagem, ele disse assim. A Corajaci falou assim: - mãe Dango. Dango o que nós vamos fazer para a gente acabar com esse preconceito aqui filha, como é que nós vamos fazer, eu falei eu não sei minha irmã. Ela falou vamos lavar a escadaria, eu falei assim, como assim. Vamos. Pronto, falei assim. Vamos Lavar a escadaria.

Obs: usar na trilha as três ladainhas.

Uma das coisas que eu penso que o povo Banto, o povo Yorubá, o povo africano, o seer humano, ele precisa acreditar numa coisa, na sua espiritualidade, só a espiritualidade vai vencer as mazelas da vida, não importa a igreja que você esteja

Quero deixar uma mensagem aqui para todas as pessoas que são iniciadas, ou que querem iniciar e que tem medo, não tenha medo de buscar a sua



| | |
|--|---|
| <p>de Nazaré Até para o ano Se assim Deus quiser</p> | <p><u>espiritualidade. Não tenha medo de acreditar, (e também pode acreditar você é Sangue e Carne da carne de Deus.) Você não é filho do demônio, você é filho de Lemba, Lembaridanga e de Zambioyon. Essa é a certeza que eu tenho.</u></p> |
|--|---|

FICHA TÉCNICA

Direção e Roteiro: Gilberto Alexandre Sobrinho

Co-direção e Pesquisa: Gracia Navarro

Assistência de Direção: Alessandro Oliveira

Produção Executiva: Júlio Matos e Marcelo Félix

Direção de Produção: Júlio Matos

Fotografia: Coraci Ruiz e Felipe Bonfim

Produção de Campo: Letizia Nicoli e Alexandre Machado

Montagem: Coraci Ruiz

Assistência de Montagem: Lucas Reitano

Coordenação de Finalização: Julio Matos

Trilha Sonora e edição de som: Víctor Negri

Mixagem: Alexandre Jardim (CTAV) e Olivia Fiusa

Correção de Cor: Isabela Moura

Arte: Cláudia Kfourri

Design Gráfico: Arthur Amaral

Estagiários de Produção: Bruna Schroder e Ana Luiza Fretta

Estagiário de Edição: Lucas Lazzarini

PRÊMIOS E EXIBIÇÕES

Leeds International Film Festival 2017

Feverestival 2018

6º FESTIVAL DE CINEMA "CURTA PINHAIS" – FESTCINE

11º Encontro de Cinema Negro Brasil, África e Caribe Zózimo Bulbu 2018

29º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo - Premiação: Favoritos do Público

3º Edição do Cine Tamoio - Festival de Cinema de São Gonçalo-RJ

VII Mostra Internacional Audiovisual Curta o Gênero, edição 2018

11º Espejos y Espejismos - Muestra de Cine Africano en Argentina 2018

VI Festival de Cinema de Itu - hors concours - 2018

15ª Edição do Festival de Cinema do Vale do Ivinhema

MOSTRA X: Brazilian Films Festival - Consciência Social (EUA e Brasil) 2019



Mostra Sesc de Cinema 2019
Festival de Cinema de Itu - hors concours; 2019
EGBÉ – 4ª Mostra de Cinema Negro de Sergipe – Aracaju/SE;
Mostra CINEAFROBH – Belo Horizonte (no Ile Wopo Olojukan, primeiro terreiro de candomblé de Belo Horizonte) - 2019
Exibição no Cineclube Terracota – Barão Geraldo/Campinas – 2019
3ª Mostra SESC São Paulo – 2019
CINUSP – 2020.

Recebido em: 26 de setembro de 2021

Aceito em: 12 de dezembro de 2021